



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	18 JAN 1980
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

PROGRAMA DO GOVERNO APROVADO

FINAL SEM SURPRESAS MAS COM INTERESSE

As declarações políticas dos diversos partidos, que ontem preenchiam a maior parte da sessão do Parlamento a serviram de remate à discussão sobre o Programa do Governo não podiam trazer, em si mesmas, qualquer "surpresa" — e não trouxeram, dado serem já conhecidas as posições das diversas bancadas.

Pelo conteúdo, sobressaíram os discursos de José Tengarrinha (M. D. P.) e Ribeiro Teles (P. P. M.), na medida em que ambos apresentaram algo mais do que uma declaração de ataque ou apoio ao Governo. Foram mais longe: enunciaram importantes linhas de acção política de acordo com a óptica (divergente, como se sabe) dos respectivos partidos.

Pelo equilíbrio da forma, menção honrosa para Mário Soares e Carlos Macedo. E, pelo colorido, manda a justiça que se faça destaque a Sousa Tavares e Lucas Pires.

O primeiro denunciou, com a acutilância que lhe é conhecida, as «estruturas nacionais do abuso», como a multiplicação da burocracia e os monopolismos — no comércio de importação, na comercialização da cortiça, etc. E, neste contexto, uma frase sua abafou, logo de início, o hemicycle, que obviamente a não esperava: «Cada trabalhador português dá por ano 30 contos para (passe a expressão) a m... dos seguros sociais que temos. A expressão passou, mas saliente-se que as reticências são minhas, porque as quatro letras que faltam foram efectivamente pronunciadas pelo deputado.

E depois, Lucas Pires, o *brilhante, eloquente, terrível* Lucas Pires, que passou ligeiramente além das fronteiras esperadas para uma declaração final: «Se o P. S. é um erro, o P. C. P. é uma ofensa... Mário Soares, a estátua monumental do partido... para o dr. Álvaro Cunhal as eleições são um «intermezzo» enquanto os tanques soviéticos não chegam...», houve mais. Dir-se-á, ou pelo menos haverá quem diga: é parlamentar, é brilhante, é bem achado. Pois, mas era uma declaração final sobre o Programa do Governo.

E, no fim de contas, sempre houve «surpresa»: no momento em que, chegada a vez da declaração do P. C. P., o dr. Álvaro

Cunhal em pessoa subiu à tribuna. Um longo silêncio permitiu ao bancado em bancada e chegou até ao sector da imprensa com esta tradução genérica: «Agora é que vai aquecer!»

Aqueceu. Quando o orador afirmou que o povo ategão «...encaminhou o Ateganistão para uma nova vida de liberdade, independência e progresso social», os socialistas sorriram, a bancada da maioria riu toda. Álvaro Cunhal interrompeu-se, levantou a cabeça, também sorriu (mas diferentemente) e comentou: «Podem-se rir, que quem rir por último é que rirá mais!» O tom usado permitia duas interpretações: uma irónica e outra lúgubre. A. A. D. optou por esta e no final choveram os protestos: exactamente um por cada força componente da coligação governamental.

O momento emocional passou. Mais tarde, nos «passos perdidos», alguém perguntava: «Aqui de os deputados do P. S. se levantarem para aplaudir a passagem de Mário Soares sobre Lurdes Pinhaligo terá algum significado especial?». Como ninguém respondeu, não vale a pena insistir no assunto.

Entretanto, o «discurso do dia» foi, inegavelmente, o do primeiro-ministro Sá Carneiro. Note-se que partia em vantagem: Era o último a falar (fala melhor quem fala no fim, é sabido) e além disso, como não discursara nas sessões anteriores, não corria o risco de se repetir. Mas isso não lhe tira o mérito da contra-argumentação hábil e lógica e da ironia calma e ultra-cortante.

Claro que nem mesmo assim terá sido possível achar graça à questão do preço do petróleo. Mas o aumento desse preço (e da gasolina, claro) é como as quatro estações: vem todos os anos.

No entanto, o que acima de tudo impressionou foi o tom firme de Sá Carneiro e a serena força da sua convicção de que o Governo apresentará um balanço concreto e positivo, capaz de voltar a mobilizar o eleitorado em torno da proposta política da A. D.

Bom, só temos de esperar nove meses para ver.

JOÃO AGUIAR